

# Geografia Feminista no Brasil nos anos 80, sim senhor! Uma entrevista com Rosa Ester Rossini

## **Joseli Maria Silva**

Universidade Estadual de Ponta Grossa / Grupo de Estudos Territoriais, Brasil  
joseli.genero@gmail.com

## **Marcio Jose Ornat**

Universidade Estadual de Ponta Grossa / Grupo de Estudos Territoriais, Brasil  
geogenero@gmail.com

Rosa Ester Rossini dispensa apresentações para aqueles que estudam gênero na Geografia brasileira. Sua luta e pioneirismo na área abriu caminho para que estudos posteriores pudessem ser consolidados no Brasil. É professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde 1971, tornando-se Titular desde 1991.

Sua trajetória profissional foi marcada pela abordagem da Geografia Agrária e da População, mas sua atuação nos temas de gênero são particularmente inovadores. É sob esta última perspectiva que nos interessa aprofundar a discussão e realizar o registro de uma Geografia Feminista criada no Brasil já nos anos 1980. Rosa Ester Rossini recebeu vários prêmios e homenagens de inúmeras instituições pelo trabalho acadêmico realizado. Cabe destacar que, em 2014, Rosa Ester Rossini foi destaque na página do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como uma das mulheres pioneiras da ciência.

Como para feministas o 'pessoal é político', cabe destacar que Rosa Ester Rossini desenvolveu peculiar história de vida. Proveniente de uma família de trabalhadores, ela saiu da pequena cidade do interior de São Paulo, Serra Azul, para se tornar uma das mais importantes intelectuais da Geografia brasileira. Sua luta, pessoal e política, se reflete em sua produção intelectual que será objeto desta entrevista.

Esperamos que os leitores, assim como nós, se sintam presenteados pela presença de

Rosa em nossa revista e que esta entrevista possa registrar um pedaço da importante história da Geografia brasileira.

**Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat:** **A senhora afirma que em 1977 já havia elaborado uma série de questionamentos científicos sobre a situação das mulheres. Mas foi nos anos 1980 que encontrou um fio condutor de análise para compreender as mulheres na Geografia, trazendo o trabalho como um importante elemento em Rossini (1983). O trabalho como categoria fundamental de sua produção estava entrelaçado com o movimento epistemológico das geografias marxistas nos anos 1980, bastante fortalecido no Brasil?**

**Rosa Ester Rossini:** Logo após o doutorado em 1975 a Universidade de São Paulo me concedeu o Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP) e para a integralização eu teria que apresentar um projeto de pesquisa para dois anos e merecer a aprovação de todas as instâncias institucionais. Nas pesquisas de campo, realizadas desde o mestrado, já vinha me preocupando com a questão interessando ao trabalho da mulher na lavoura canavieira e, em consequência, no trabalho doméstico não compartilhado. Assim sendo, fiz o proposto para o projeto de RDIDP sobre o tema que me preocupava. Preparei um longo questionário constituído de quatro grandes partes: 1) Dados gerais do aluno; 2) Questionário Familiar; 3) Dados gerais da

casa, infraestrutura, e bens possuídos pela família; 4) Questionário para cada pessoa da casa que trabalha, pelo menos, alguns meses durante o ano (inclui história de vida, calendário de atividades, remuneração, etc.).

Reuni o corpo docente da escola, inclusive a professora que ministrava aulas a noite de Alfabetização de Adultos e expliquei item por item a respeito da orientação às crianças, de como responder os questionários que deveriam ser levados para casa e lá, com a ajuda da família responder. Foi uma loucura, pois, com frequência, a família era numerosa e muitas pessoas trabalhavam e isto obrigava a resposta, por parte de cada pessoa trabalhadora, do questionário de número 4. Foram aplicados 400 questionários completos. Para a coleta e conferência, contei com a inestimável ajuda do meu pai que era servente da Escola Estadual de Serra Azul. De posse do volumoso produto, iniciei a tabulação. Percebi que poucos questionários estavam completos. Fiz um balanço e constatei que a amostra seria válida com os 50 questionários efetivamente completos. Apesar disso, constatei que não sabia dar continuidade porque não tinha base suficiente e acabaria fazendo uma péssima sociologia ou antropologia. Guardei todo o material, imprimir outra discussão ao projeto e parti para a luta. Milton Santos, nessa época, já se encontrava no Brasil e, a convite da Professora Maria Adélia de Souza, migrou do Rio de Janeiro (UFRJ) e veio trabalhar em São Paulo, na Secretaria de Planejamento do Estado para colaborar com o estudo a respeito das Cidades Médias. Só mais tarde é que foi trabalhar na USP. A sua chegada ao Brasil começou a revolucionar a Geografia, em especial da USP, considerando que a 'moda' era a Geografia Teórica Positivista, desenvolvida nos Estados Unidos e abraçada pelo IBGE e algumas universidades brasileiras, como em Rio Claro – UNESP. Participei de grupo de estudos na Faculdade

de Arquitetura e Urbanismo - FAU-USP- para discussão dos dois Circuitos da Economia Superior e Inferior. A partir daí, demos continuidade a uma Geografia muito mais comprometida com o social.

**J.M.S. e M.J.O.: Discutir gênero na Geografia brasileira é, até os dias atuais, uma difícil tarefa. A academia não está imune à formação cultural que coloca as mulheres em situação de invisibilidade geográfica. Sua tese de Livre Docência (ROSSINI, 1988) foi dedicada à análise das relações de gênero na Geografia. Sua banca foi composta, majoritariamente, por homens (José Ribeiro de Araújo Filho, Milton Santos, Manoel Correia de Andrade, Antônio Olívio Ceron e Lêda Maria Pereira Rodrigues). Como o tema de sua tese foi recebido pela academia brasileira naquele tempo? Quais os limites a serem ultrapassados para aumentar a compreensão do gênero como importante categoria da Geografia no Brasil?**

**R.E.R.:** Estudei muito e em 1982 ocorreu o primeiro evento de Geografia e Gênero, organizado pelo Grupo de Trabalho de Geografia e Gênero do qual eu fazia parte como representante da UGI no Brasil (América Latina). O evento ocorreu em Cagliari na Sardenha - Itália. Simpósio Internazionale su Il Ruolo della Donna nei Movimenti Migratori - setembro de 1982 - tendo apresentado o paper 'Women as labor force in agriculture. The case of the State of São Paulo - Brazil'. Presidi a sessão 'Analisi Geografica della mobilita femminile: quadri d'insieme e studi localizzati'. Entre 1983 e 1984, um tour internacional para buscar bibliografia, entrar em contato com as pessoas que estavam mergulhando no estudo da questão de gênero. Fui a Londres comprar o primeiro livro *Geography and Gender: an introduction to feminist geography* de autoria

de Women and Geography Study Group of the IBG, publicado por Hutchinson in Association with the Exploration in Feminism Collective, London, 1984. Em Paris, após o congresso da UGI, em 1984, entrei em contato com as pesquisadoras do Instituto de Geografia e do CNRS, fui a Portugal e conversei com pesquisadoras da Universidade de Lisboa e discutimos sobre o avanço dos estudos e pesquisas sobre gênero na Geografia. Surpreendente, foi o fato de todas as pessoas com as quais tive contato estarem trilhando o mesmo caminho a respeito do estudo que realizavam, isto é, através da categoria trabalho conseguiria inserir o tema na Geografia, isto é, o trabalho de mulheres e de homens produzia espaço. A partir desse novo referencial teórico, voltei, em 1985/86, a campo e apliquei o mesmo questionário. Como havia guardado a pesquisa anterior, o que foi uma sorte, fui buscá-la e pude comparar o que havia acontecido com a mulher como força de trabalho no período de 1977 a 1985/86. Porém, antes de fechar a análise, tive a felicidade de assistir a um curso sobre população e nele um dos palestrantes era o Prof. Paul Singer, que insistia na importância do estudo da composição da família para melhor entender a questão da renda. A partir da utilização dos novos conhecimentos, consegui concluir a tese de livre-docência com o tema: Geografia e Gênero: a mulher como força de trabalho na agricultura canavieira paulista - SP/Brasil, em 1988. A Banca Examinadora foi constituída pelos professores José Ribeiro de Araújo Filho, meu orientador do mestrado e do doutorado, Milton Santos, Antônio Olívio Ceron, Manuel Correia de Andrade e pela Profa. Leda Maria Pereira Rodrigues, a primeira mulher a defender tese de doutoramento, nos anos 1950, sobre a questão de gênero na área de História Social. A livre-docência era um concurso que, de certa forma, barrava muitas

pessoas pelo fato de se constituir de várias provas (escrita, aula teórica, elaboração de projeto de pesquisa) com o ponto sorteado 24 horas antes da atividade, defesa do memorial e da tese de livre-docência, todos com arguição pública da banca examinadora, com exceção da prova escrita, cuja leitura era pública. Consegui conquistar a nota máxima - 10,0 em todas as provas. Considero que a maior dificuldade da inserção da questão de gênero na Geografia brasileira encontra-se na própria Geografia, isto é, entre seus pares. A barreira é enorme e para diminuir a distância é preciso que todas as pessoas que trabalham com o tema tenham uma boa formação teórico-conceitual tanto de Geografia como da especificidade do tema que quer inserir na Geografia.

**J.M.S. e M.J.O.: Em sua produção científica há uma predominância da análise do trabalho feminino na agricultura (ROSSINI, 1992, 1993, 1994 e 2010), apontando para o papel fundamental das mulheres na estruturação das pequenas propriedades, mas, também, seu envolvimento como trabalhadoras dos canaviais. Quais são as especificidades das relações de gênero no campo que devem ser aprofundadas pela Geografia brasileira?**

**R.E.R.:** Tenho, desde 1982, bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, na categoria 1A. Desde os anos 1970, conforme já referido, venho trabalhando com o tema e a cada período de vigência da bolsa proponho aprofundamento da discussão. Há muitas perversidades que têm acontecido, provocando não só constrangimento como violência com a mulher. Cito, por exemplo, a obrigatoriedade de apresentação de comprovante médico informando, preferencialmente, que realizou laqueadura ou que não está grávida, acrescentando-se ainda a

falta, em muitos lugares, de banheiro e os frequentes assédios sexuais por parte dos homens que trabalham no campo. Dentre estes, outro problema grave que perdurou por muito tempo, e que é ainda exceção, consiste na ausência de curso para o preparo das mulheres operarem máquinas sofisticadas e que se constitui no grande diferencial de salário. Hoje, tenho notícias de 'autorização' para a frequência a este tipo de curso por mulheres na Região de Araçatuba. Tenho, também, informação de, nesta área, três mulheres operarem máquinas sofisticadas. Costumo dizer nas minhas palestras ou em textos que 'quando os empresários da cana descobrirem que as mulheres são mais cuidadosas, caprichosas e delicadas que os homens quando operam estas máquinas sofisticadas, aumentando a durabilidade e proporcionando economia, com certeza, elas terão prioridade no trabalho'. Ainda quero ver esta possibilidade acontecer. Luto pela igualdade e equidade de gênero.

**J.M.S. e M.J.O.:** A adoção de técnicas e a modernização da produção trouxeram consigo transformações sociais para as mulheres, como a senhora aponta em Rossini (1998, 2002, 2004, 2006). O que isso afeta a Geografia das mulheres em seu cotidiano e como isso pode ser abordado pela Geografia como disciplina?

**R.E.R.:** Tenho trabalhado com as colegas Sonia Alves Calió e Jacqueline Coutras sobre a questão de gênero. Nos nossos trabalhos temos usado uma bandeira importantíssima que pode ser sintetizada em uma frase: 'ensine primeiro às mulheres os procedimentos necessários para a transferência de conhecimentos e para o aprendizado que a reprodução ocorrerá com a maior eficiência e rapidez'.

A modernidade técnico-científica para as áreas mais urbanizadas tem facilitado, em

muito, a vida das mulheres trabalhadoras. Refiro-me à máquina de lavar roupa, a máquina de lavar prato, o liquidificador, a geladeira, o fogão a gás, o tanquinho elétrico para lavar roupa, o telefone, o celular, o freezer, as lavanderias, a entrega de comida a domicílio, etc., para as pessoas que têm a possibilidade de comprar ou de pagar pelo serviço. Para as mulheres de baixa renda, estas possibilidades nem sempre são alcançadas. Acrescente-se, ainda, que, no Brasil, as creches públicas atendem, quando há vagas, por um período de 4 horas, o que obriga as mulheres trabalhadoras do campo ou da cidade a usarem de alguns expedientes como o de pagar para uma pessoa da família ou para vizinha, amiga, ou que tem uma 'creche improvisada' para ficar com as crianças enquanto ela(s) cumpre(m) uma longa jornada de trabalho.

**J.M.S. e M.J.O.:** Em Rossini (1994), as questões ambientais relacionadas ao gênero já faziam parte de suas preocupações. No período contemporâneo, as discussões de gênero, preservação e distribuição de recursos naturais têm sido uma forte tendência de estudos na Geografia internacional, bem como em outros campos do saber. Quais as razões da Geografia brasileira ainda resistir à abordagem da relação entre gênero e meio ambiente?

**R.E.R.:** O problema do meio ambiente tem sido pouco 'atacado' pela comunidade científica. No caso específico da cana, tenho denunciado problemas referentes à queimada que, além de provocar danos a saúde da população, ainda compromete o meio ambiente. Outro problema que é real é o do consumo de produtos químicos para matar a vegetação que não faz parte do cultivo e que também compromete a saúde. O problema duplo mais grave é o do consumo de água por



parte da planta que, em conjunto com a devastação do lençol, tem comprometido a manutenção dos mananciais ou o aprofundamento do lençol freático, reduzindo o volume de água. Acrescente-se, ainda, o florestamento com eucalipto, tão comum no Brasil, que também pelo tipo de raiz-pivô-central perfura o solo atingindo o lençol freático e até mesmo 'enxugando' os lugares onde a água vertia com facilidade. Não deixa de ser problemática a infiltração do solo, carregado com produtos químicos, pelas águas das chuvas, comprometendo a qualidade da água do lençol freático. Todos os temas mencionados, além de comprometerem o solo, são o grande responsável pela qualidade de vida das pessoas, que mereciam maior atenção da Geografia.

**J.M.S. e M.J.O.: A relação entre educação e gênero também foi tema se seu interesse intelectual, como pode ser visto em Jesus et all (1996) e Rossini et all (1997). Suas preocupações em incluir gênero na agenda educacional são antigas. Como avalia o desenvolvimento desta proposta no Brasil, bem como é possível, como visto em Rossini (2004) alcançar a equidade de gênero?**

**R.E.R.:** Enquanto diretora do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo, fui convidada pelo coordenador da pesquisa mais ampla, Prof. Guilherme Ary Plonski, Coordenador da Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais - CECAE/USP, para realização de estudo financiado pelo Ministério da Educação e do Desporto - MEC - vinculado ao Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA) para realização de estudo e pesquisa, objetivando apoiar e orientar as pessoas interessadas em

promover a igualdade e equidade de gênero na escola, na família, na comunidade e na sociedade em geral. A proposta veio ao encontro, há muito tempo gestado, que era o da elaboração de um texto sobre a questão de gênero que atendesse aos interesses e conteúdos programáticos do ensino no Brasil. Das pessoas colaboradoras do NEMGE, participaram desta empreitada a Profa. Dra. Sonia Alves Calió, a Profa. Dra. Rochelle G. Saidel, a Pós-Graduada Isamara Maria de Jesus e eu, Rosa Ester Rossini. Fizemos muitas reuniões de planejamento, organizamos as leituras e o levantamento de dados secundários. Partimos para o campo, tendo como referência de pesquisa os Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAICs). Embora este Guia tenha sido inicialmente idealizado para os CAICs, suas recomendações são muito importantes para todas as escolas. O trabalho realizado recebeu o título de 'Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência - Guia Prático para Educadores e Educadoras. Publicado pela Tec Art Editora, em 1996. A segunda edição, publicada na comemoração dos 10 anos em 2006, teve os apoios do CNPq e da USP, foi revista e ampliada e contou, também, com a mesma editora. O Guia foi e é distribuído gratuitamente a quem interessar. O lançamento da 1ª Edição coincidiu com a assinatura – em 8 de março de 1996, Dia Internacional da Mulher – do Protocolo de Cooperação entre os Ministérios da Justiça e o MEC, com vista à promoção da igualdade de direitos entre homens e mulheres, representando, talvez, a primeira concretização efetiva do espírito do Protocolo. A segunda Edição – comemorativa dos 10 anos do lançamento do Guia – revista e ampliada, que teve além do CNPq o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, junto ao Programa Pró-Divulga, foi escolhida por ser uma obra inserida nos objetivos deste

Programa, atendendo aos requisitos:

- Generalidade: texto acessível ao grande público
- Profundidade: linguagem precisa conduzindo à reflexão
- Autoridade: equipe especialista na área de gênero

As ideias contidas poderão em muito ajudar as/os professoras/es a se empenhar pelo ensino e pela educação com igualdade e equidade de gênero e acreditamos na possibilidade de que o futuro seja bem melhor para todas as mulheres e todos os homens do país.

**J.M.S. e M.J.O.: Outras abordagens das relações de gênero também aparecem em sua produção intelectual, como é o caso da discussão da mobilidade das mulheres como abordado em Rossini e Coutras (1997). Como a análise da mobilidade feminina se constitui em um tema geográfico e de luta por cidadania?**

**R.E.R.:** Foi muito agradável ter conhecido e trabalhado com a pesquisadora Jacqueline Coutras do CNRS. Após a vinda da Professora para ministrar, no NEMGE e no Departamento de Geografia da USP, no curso sobre Geografia e gênero, estabelecemos um Convênio de Cooperação entre a USP e o CNRS para elaboração de uma pesquisa sobre a mobilidade das mulheres em Paris e em São Paulo, a partir de pesquisa realizada pelo Metrô de São Paulo e de Paris, a respeito da mobilidade no metrô e o CNRS/USP publicou o resultado da pesquisa sob a forma de livro (Rossini, R.E e Coutras, J. em 1997, 116 páginas, com o título: *Mobilité quotidienne des femmes, notion de genre et études urbaines: comparaison Paris-São Paulo*, Institut de Recherche sur les Sociétés Contemporaines, Paris). A pesquisa e o texto contaram, também, com a colaboração de Sonia Calió. Constatou-se,

entre outras especificidades, que as mulheres usam o metrô mais tarde que os homens, em torno das 10 horas, motivadas pelas atividades domésticas e que começam a trabalhar um pouco mais tarde. Cabe-lhes a responsabilidade de buscar as crianças na escola porque os homens não têm muito horário para saída do trabalho ou porque após o expediente, com frequência, vão conversar com os amigos no bar. O trabalho da mulher é, em geral, mais próximo da residência e, portanto, os deslocamentos de ida e retorno para o trabalho são mais curtos do que o dos homens (esse tema se completa com a questão de número 4).

**J.M.S. e M.J.O.: A senhora foi uma das pioneiras feministas que fez parte da montagem da Comissão de Gênero na União Geográfica Internacional (UGI), em 1989. Depois de tantos anos de atuação na área, é possível afirmar que, atualmente, há maior abertura da abordagem de gênero do que quando a senhora iniciou? Quais os limites enfrentados e as potencialidades que podem ser apontadas na Geografia brasileira?**

**R.E.R.:** A Comissão de Geografia e Gênero da União Geográfica Internacional (UGI) foi institucionalizada em 1989, mas, se iniciou como Grupo de Trabalho de Geografia e Gênero provavelmente em 1981, pois em 1983 organizei um evento em São Paulo como parte das atividades da UGI que teria no Brasil o evento regional. Nesta reunião, organizei seminário sobre Geografia e Gênero. Na realidade, eu me perdi no tempo, mas de 1983 a 1993 recebi, por duas vezes, parte da equipe de Geografia e Gênero em São Paulo para discussão das questões de Gênero e do andamento das pesquisas. Realmente, hoje, é possível trabalhar com o tema sofrendo menor discriminação. O grande passo para a divulgação e apoio

econômico teve sua maior expressão com a criação da Secretaria das Mulheres do Governo Federal que, em integração com o CNPq e com o Ministério da Reforma Agrária, tem possibilitado a realização, divulgação e cursos interessando aos estudos de gênero. As Fundações de Amparo à Pesquisa nos estados têm variado muito o apoio e, na realidade, tem dependido muito da consciência do/a consultor/a e do/a assessor/a, assim como do/a representante de área. Com todos os avanços há muita timidez na Geografia em relação aos estudos de gênero e esperamos que as possibilidades de trabalho anunciadas pelos/as estudiosos/as do tema se espalhem por todas as Universidades e Centros e Pesquisa tornando-se uma realidade concreta no país e conquistando muito mais pessoas. Se em cada Universidade tivesse uma Joseli, um Márcio Ornat, uma Maria das Graças (Gracinha), uma Suzana, uma Sonia Calió, etc., com a 'picada já aberta', o número de pesquisadores/as alcançaria os 4 dígitos (1000), o intercâmbio entre todas as pessoas poderia multiplicar e a contribuição científica e de pesquisa possibilitaria mudar a 'face' das pessoas e das instituições, de modo que a equidade e a igualdade entre as pessoas e nas atividades seriam realidade concreta e não mais sonhada.o.

### Referências

- ROSSINI, Rosa Ester. Woman As labor force In agricultural: The case of the tate of Sao Paulo – Brazil. **Studi Emigrazione**, v. 20, n.70, p. 221 - 228, 1983.
- ROSSINI, Rosa Ester. **Geografia e gênero: A mulher na lavoura canavieira paulista**. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo. 1988.
- JESUS, Isamara; SAIDEL, Rochelle;
- ROSSINI, Rosa Ester; CALIÓ, Sônia. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência**. Guia prático para educadores e educadoras. São Paulo: NEMGE/CECAE/USP, 1996.
- ROSSINI, Rosa Ester. A Mulher como força de trabalho na agricultura da cana – Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia Teorética**, v. 22, n. 43 - 44, p. 295-305, 1992.
- ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo. **Informações econômicas**, p. 41 - 52, 1993.
- ROSSINI, Rosa Ester. Mulher e meio ambiente: o trabalho da mulher na agricultura canavieira do estado de São Paulo – Brasil. **Mulher e meio ambiente**, v. 1, p 15 - 40, 1994.
- ROSSINI, Rosa Ester; COUTRAS, Jacqueline. **Mobilité quotidienne des femmes. notion de genre et études urbaines: comparaison Paris- São Paulo**. Institut de Recherche sur les Sociétés Contemporaines. Paris: CNRS/USP, 1997. 116p .
- ROSSINI, Rosa Ester; SAIDEL, Rochelle; CALIÓ, Sônia; JESUS, Isamara. Guia prático sobre ensino e educação com igualdade de gêneros. **Revista comunicação e educação**, n. 8, p. 117 - 122, 1997.
- ROSSINI, Rosa Ester. As geografias da modernidade – geografia e gênero - mulher , trabalho e família. O exemplo de Ribeirão Preto. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 12, p. 7 - 26, 1998.
- ROSSINI, Rosa Ester. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo.

Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat

**Geosp**, v. 12, p. 47 - 56, 2002.

ROSSINI, Rosa Ester. Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Populações: (Con)vivência e (In)tolerância**. São Paulo: Editora da USP, 2004, p. 245 - 257.

ROSSINI, Rosa Ester. A luta das mulheres brasileiras por igualdade, equidade de gênero e cidadania. In: COVA, Anne; RAMOS, Natália; JOAQUIM, Teresa (Org). **Desafios da Comparação. Família, Mulheres e Gênero em Portugal e no Brasil**. Oeiras-Portugal: Portugal: Celta, 2004, p. 17 - 32.

ROSSINI, Rosa Ester. O trabalho da mulher na indústria canavieira altamente tecnificada e capitalizada - São Paulo - Brasil. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires e São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales y Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 225 - 242.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro área de Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil, 1977 – 2008. **Revista Latino - americana de Geografia e Gênero**, v. 1, p. 121 - 133, 2010.7.